

AS PALAVRAS DA HISTÓRIA: ENSAIO DE POÉTICA DO SABER.

JACQUES RANCIÈRE*

LISBOA, EDIÇÕES UNIPOP, 2014.

Na obra *As palavras da História: Ensaio de poética do saber*, escrita por Jacques Rancière e publicada pela primeira vez em França no ano de 1992, pelas Éditions du Seuil, o seu autor parece operar um «deslocamento», não apenas temático mas também semântico no seu percurso bibliográfico, abordando um assunto bem diverso dos arquivos e da imaginação dos operários, que até então o ocupavam, para se focar em questões epistemológicas do foro da História, substituindo uma análise de dimensões político-literárias da acção revolucionária dos aparentemente destituídos de poder por um trabalho de natureza linguística, eventualmente situável na órbita problemática e difusa do Pós-Estruturalismo e do *Linguistic Turn*. Rancière recusa uma metodologia hermenêutica, em favor da abordagem das práticas discursivas. Importa observar alguns momentos do trajecto do autor para perceber que o *deslocamento* (palavra tão cara ao filósofo) plasmado por *As palavras da História* terá consubstanciado um reequacionamento temático-metodológico, em detrimento de uma ruptura face ao caminho percorrido. Desde pelo menos 1968, nas investigações do pensador, a superfície dos eventos possui uma identidade própria, associada à valorização dos «jogos de linguagem», na linha de Wittgenstein, e dos «actos de fala» (na esteira de Austin e Searle), entendendo estes não como emanções superestruturais de causas ausentes ou profundas, afirmando-se como gestos de natureza política em si mesmos. Jacques Rancière (n. Argel, 1940) cursou Filosofia na École Normale Supérieure, onde foi aluno de Louis Althusser. Viveu intensamente o Maio de 1968, potenciando uma pulsão igualitária, afastando-se do marxismo ortodoxo, dado que este evidenciava uma con-

centração porventura excessiva numa «concepção científica do processo histórico e experimentava um profundo desprezo pelo individualismo e pela subjectividade» (Rui Bebiano, *O Poder da Imaginação: Juventude, Rebeldia e Resistência nos Anos 60*. Lisboa: Angelus Novus, 2003, p. 62).

Em *As palavras da História: Ensaio de poética do saber*, o seu autor procura avaliar criticamente os *Annales*, colocando em consideração o seu carácter revolucionário. A obra em análise terá sido influenciada em parte pelo *Discours de l'histoire* de Barthes, pela abordagem de Foucault em *As Palavras e as Coisas* e em *A Arqueologia do Saber*, ou pela narrativa dos factos verosímeis, defendida por Paul Veyne, em 1971, na obra *Comment on écrit l'histoire*. O objecto desta recensão partilha com White o interesse pela narrativa histórica. Rancière não cita explicitamente uma parte dos intelectuais referidos, mas nota-se a influência maior ou menor deles ao longo da obra, dividida em sete capítulos. O primeiro intitula-se *Uma Batalha Secular* e constitui uma panorâmica da temática em agenda, das teorias e metodologias utilizadas pelo autor, que analisa os sentidos da palavra «história», que, em francês, designa simultaneamente uma série de eventos mas também a narrativa sobre ela empreendida. Enunciada a problemática a tratar, o autor procura centrar-se, no segundo «andamento», denominado *Rei Morto*, num discurso específico da Nova História, abordando o historiador Fernand Braudel. No terceiro capítulo, Rancière foca a irrupção de acontecimentos revolucionários, comparando um texto da Antiguidade, os *Anais* de Tácito, com um trabalho de um comentador da Revolução Francesa, Alfred Cobban, considerado pelo filósofo francês um

«real-empirista», e criticado pelo seu alegado revisionismo. No quarto capítulo, Rancière procura a genealogia da Nova História e encontra um precursor que esta assume com reservas, mas que marca a forma «annaliste» de se posicionar. Trata-se de Michelet. No entender de Rancière, com Michelet a narrativa do acontecimento revolucionário torna-se narrativa do seu sentido. O discurso faz-se narrativa para que esta se possa fazer discurso. Em seguida, no quinto capítulo, o pensamento do historiador romântico ajuda a perceber e situar «o lugar da fala dos Annales» e, sobretudo, de Braudel. No sexto capítulo, depois de se debruçar sobre a importância de Michelet para os *Annales* e para Braudel em particular, Rancière procura entender o *espaço do livro* braudeliano interpenetrando-se a «historialidade e a literariedade» do Mediterrâneo através dele e por seu intermédio. No derradeiro capítulo, Jacques Rancière parece defender que a História, sendo ciência, literatura e política, deve centrar-se nos acontecimentos, muitas vezes «heréticos», solidarizando-se com essas «heresias», na medida em que configuram uma voz própria, resistente aos poderes dominantes.

Efectivamente, a atitude de desmontagem e desmistificação crítica e informada de alguns preceitos e certas actuações dos *Annales* fora prodigalizada por J. H. Hexter (no artigo denominado *Fernand Braudel and The Monde Braudellien*), e por Hervé Coutau-Bégarie, na sua dissertação doutoral, publicada em 1983 e intitulada *Le Phénomène «Nouvelle Histoire»: Stratégie et ideologie des nouveaux historiens*.

Do nosso ponto de vista, Rancière consegue demonstrar em *As palavras da História* que o discurso historiográfico é construído pela realidade histórica e dela construtor. O autor relaciona, de modo proveitoso, três domínios do saber: a Literatura, a Filosofia e a História. Acresce que Rancière comprova que os *Annales* comportam dimensões narrativas. Todavia, o filósofo francês centra-se talvez em demasia na segunda geração *Annaliste*, afunilando-a em

torno de Braudel. Poderia ter desenvolvido uma perspetiva mais abrangente.

Existem alguns trabalhos sobre *As palavras da História*. Desde logo, em 1993, Sophie Wahnich, numa recensão, considera que o autor não se detém exaustivamente a apresentar alternativas sistemáticas e sistematizadas aos *Annales*, embora se percebam determinadas diferenças fundamentais. Por outro lado, Gérard Noiriel, em 1994, dedica significativamente uma atenção escassa à obra. No mesmo ano, o labor de Rancière no texto em análise foi ampliado por Philippe Carrard, no seu estudo *Poetics of the New History: French Historical Discourse from Braudel to Chartier*. Por seu turno, em 2002, Pierre Champion, num estudo mais aprofundado, analisa o ensaio de Rancière, problematizando foucaultianamente a respectiva *Ordem do Discurso*. Em 2010, Phillip Wats desenvolve uma intuição certa desde o título do seu artigo, considerando que o ensaio de Rancière configura, de certo modo, uma *Heretical History and the Poetics of Knowledge*. Fora do âmbito mais restrito da análise de *As palavras da História*, convém assinalar a existência de um número da revista *Labyrinthe*, publicado em 2004, sobre Jacques Rancière, ou as biografias intelectuais acerca do autor escritas por Oliver Davies (2010) e Joseph Tankeray (2011), ou a colectânea de artigos coordenada por Jean Phillippe Deranty: *Jacques Rancière: Key Concepts*. Em Portugal, realizou-se, no ano de 2014, um encontro para discutir a obra de Jacques Rancière. Os organizadores da iniciativa publicaram, igualmente, uma antologia genérica do *Pensamento crítico contemporâneo*. O artigo sobre o pensador francês é da autoria de Manuel Deniz da Silva, que acentua, acertadamente, a complexidade do trabalho analisado.

NUNO BESSA MOREIRA*
(CITCEM/FLUP)

* E-mail: knunocliomail@gmail.com.